

Cooperação internacional para refugiados sudaneses e sírios na Jordânia: desdobramentos educacionais

International Cooperation for Sudanese and Syrian Refugees in Jordan: Educational Implications

Cooperación internacional para los refugiados sudaneses y sirios en Jordania: implicaciones educativas

Christiano Cordeiro Soares ^[a] 
Campina Grande, PB, Brasil
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Como citar: SOARES, C. C. Cooperação internacional para refugiados sudaneses e sírios na Jordânia: desdobramentos educacionais. *Revista Diálogo Educacional*, v. 24, n. 81, p. 577-590, 2024.
<https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.081.DS10>

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a cooperação internacional para refugiados sudaneses e sírios na Jordânia e os desdobramentos educacionais provenientes dessa colaboração, que foi desenvolvida através de um projeto de extensão supervisionado pela Coordenadoria de Relações Internacionais (CoRI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). As atividades envolveram o ensino de idiomas e estudos sobre práticas corporais (esportes, brincadeiras e jogos), as quais aconteceram em um contexto permeado por guerras civis, barreiras linguísticas e de ampla diversidade cultural. O corpus constitutivo das análises são os documentos produzidos por um extensionista universitário, bem como as interações orientativas da CoRI durante o intercâmbio que se centraram na abordagem comunicativa-crítica, a partir dos conceitos: “teoria da ação comunicativa” de Habermas (1987a e 1987b); e “dialógica” de Freire (1979-2001), que enfatizam a comunicação como uma ferramenta vital para entender e avaliar criticamente as dinâmicas sociais dos refugiados. Essa sistemática permitiu não somente a compreensão dos elementos comunicativos, mas também analisar os desafios das estruturas de poder, das relações sociais e da necessidade premente de acesso à educação subjacentes aos processos de ajuda humanitária.

[a] Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e-mail: christianoufpb@gmail.com

Os resultados obtidos pavimentaram a consolidação de um ambiente inclusivo e de aprendizagem enriquecido pela diversidade cultural. A persistência no ensino linguístico proporcionou avanços individuais dos refugiados na língua-alvo, bem como uma consciência acadêmica e social mais ampla e plural por parte do intercambista, enraizada na cooperação intercultural e que desencadeou em novas ações estratégicas desenvolvidas na UEPB para a comunidade estrangeira.

Palavras-chave: Cooperação internacional. Refugiados. UEPB. Desdobramentos educacionais.

Abstract

This article aims to reflect on international cooperation for Sudanese and Syrian refugees in Jordan and the educational implications stemming from this collaboration, which was developed through a supervised extension project by the International Relations Office (CoRI) at Paraíba State University (UEPB). The activities involved language teaching and studies on physical practices (sports, games, and activities), taking place in a context marked by civil wars, linguistic barriers, and extensive cultural diversity. The constitutive corpus for analysis comprises documents produced by the extensionist and guidance interactions from CoRI during the exchange period, focusing on the communicative-critical approach based on the concepts: "theory of communicative action" by Habermas (1987a and 1987b); and "dialogicity" by Freire (1979-2001), emphasizing communication as a vital tool to understand and critically assess the social dynamics of refugees. This systematic approach allowed not only the comprehension of communicative elements but also the analysis of challenges posed by power structures, social relationships, and the urgent need for access to education underlying humanitarian aid processes. The obtained results contributed to consolidating an inclusive environment and enriched learning through cultural diversity. The persistence in language teaching not only facilitated individual progress in the target language for refugees but also cultivated a broader and more plural academic and social awareness in the exchange student, rooted in intercultural cooperation, leading to new strategic actions developed at UEPB for the foreign community.

Keywords: *International Cooperation. Refugees. UEPB. Educational Implications.*

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la cooperación internacional para los refugiados sudaneses y sirios en Jordania y las implicaciones educativas resultantes de esta colaboración, que fue desarrollada a través de un proyecto de extensión supervisado por la Coordinación de Relaciones Internacionales (CoRI) de la Universidad Estatal de Paraíba (UEPB). Las actividades involucraron la enseñanza de idiomas y estudios sobre prácticas físicas (deportes, juegos y actividades), que tuvieron lugar en un contexto marcado por guerras civiles, barreras lingüísticas y una amplia diversidad cultural. El corpus constitutivo para el análisis comprende documentos producidos por un extensionista universitario y las interacciones orientativas de CoRI durante el intercambio, centrándose en el enfoque comunicativo-crítico basado en los conceptos: "teoría de la acción comunicativa" de Habermas (1987a y 1987b); y "dialogicidad" de Freire (1979-2001), enfatizando la comunicación como una herramienta vital para comprender y evaluar críticamente la dinámica social de los refugiados. Este enfoque sistemático permitió no solo la comprensión de los elementos comunicativos, sino también el análisis de los desafíos planteados por las estructuras de poder, las relaciones sociales y la necesidad urgente de acceso a la educación subyacente en los procesos de ayuda humanitaria. Los resultados obtenidos contribuyeron a consolidar un entorno inclusivo y un aprendizaje enriquecido por la diversidad cultural. La persistencia en la enseñanza del idioma proporcionó avances individuales en la lengua objetivo para los refugiados, así como cultivó una conciencia académica y social más amplia y plural en el estudiante de intercambio, arraigada en la cooperación intercultural, lo que llevó a nuevas acciones estratégicas desarrolladas en la UEPB para la comunidad extranjera.

Palabras clave: *Cooperación Internacional. Refugiados. UEPB. Implicaciones Educativas.*

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Mauris vitae orci quis magna malesuada vehicula ut at felis.

Introdução

De acordo com o Relatório de Tendências Semestrais do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR¹, 2023a), até setembro de 2023, aproximadamente 114 milhões de indivíduos em todo o mundo foram obrigados a abandonar seus lares. Dentro desse contingente, destaca-se a presença de 36,4 milhões de refugiados. Além de pessoas refugiadas, há uma parcela de 4,4 milhões de apátridas, pessoas privadas de nacionalidade e cerceadas de direitos fundamentais como: educação, saúde, emprego e liberdade de locomoção.

A Síria surge como a nação que mais contribuiu para a população de refugiados global, com cerca de 6.500.000 indivíduos forçados a fugir dos conflitos internos até o final de 2023. Os deslocamentos também foram impulsionados por crises na África subsaariana, intensificados a partir de 2016, resultando em uma proporção significativa de pessoas que deixaram, entre outros países, o Sudão. Essas migrações geraram um aumento exponencial de refugiados em diversos países de acolhida, a exemplo da Jordânia (ACNUR, 2023a).

Nesse contexto de mobilidade humana, este artigo propõe uma reflexão sobre a importância e os impactos de uma cooperação internacional para refugiados sudaneses e sírios na Jordânia, assim como os frutos dessa colaboração, que foi desenvolvida no ano de 2020 pela atuação de um estudante universitário da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vinculado a um programa de extensão com a finalidade de expandir as ações de uma rede internacional da qual a instituição paraibana também faz parte, intitulada: “*Universidades inclusivas: Competencias clave de la comunidad universitaria para desarrollo de una ciudadanía activa – SOLIDARIS*”². Essa rede, apoiada pela política de cooperação internacional do *Erasmus Plus* da União Europeia, visa aprimorar a igualdade e a inclusão social por meio da colaboração educacional entre países da Europa e da América Latina, bem como ramificar suas atividades por diversas partes do mundo.

Vale salientar que a UEPB foi a universidade pioneira do nordeste a integrar a Cátedra Sérgio Vieira de Mello³ (CSVM), desde 2014, criada pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), também conhecida como Agência da ONU para Refugiados, a fim de promover a educação, a pesquisa e a extensão acadêmica para refugiados, por meio de acordos de cooperação.

Ao longo deste artigo, será abordada a trajetória e a atuação de um extensionista que, movido por um compromisso humanitário, iniciou um processo de auxílio e suporte a refugiados. Partindo de um gesto individual, essa atitude evoluiu para uma rede de apoio, englobando colaborações

¹ O ACNUR foi estabelecido em dezembro de 1950 por meio de uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas e começou suas operações em janeiro de 1951. Inicialmente, trabalhando para reassentar refugiados europeus deslocados após a Segunda Guerra Mundial, atualmente tem a responsabilidade pela proteção e assistência aos apátridas em escala global. Ao longo de sua existência, o ACNUR tem proporcionado auxílio a dezenas de milhões de pessoas para reconstruírem suas vidas. Reconhecido por suas ações humanitárias, o ACNUR foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz em duas ocasiões (1954 e 1981). Nos dias atuais, a Agência para Refugiados da ONU (ACNUR) opera com quase 12 mil funcionários e está presente em cerca de 130 países (ACNUR, 2023b).

² O SOLIDARIS hospedava as principais informações relativas à rede no portal – proyectosolidaris.org. Após o ciclo do SOLIDARIS vinculado ao programa ERASMUS da União Europeia (2017-2021), a Universidad de Sevilla – Coordenadora Geral da rede – importou o material para armazená-lo em um site da própria instituição espanhola: <http://institucional.us.es/solidaris/pt/>.

³ A proposta inicial da CSVM focava na implementação e no incremento de cursos e pesquisas em Direito Internacional dos Refugiados e Direito Internacional Humanitário, adotando uma abordagem acadêmica tradicional. Com o passar dos anos, reorientou-se a abordagem da CSVM, optando-se por organizá-la a partir de três eixos: ensino, pesquisa e extensão (CSVM, 2020).

internacionais e institucionais, desencadeando um ciclo de solidariedade e ação continuada em prol dessas comunidades vulneráveis.

A análise se concentra nos desdobramentos dessa ação, explorando os resultados tangíveis e intangíveis que surgiram para os indivíduos assistidos diretamente, para as comunidades acadêmicas e para as organizações envolvidas na cooperação internacional. O estudo busca evidenciar como o comprometimento individual pode gerar um efeito multiplicador, incentivando redes de apoio e engajamento contínuo na assistência aos refugiados.

Esta pesquisa documenta a jornada do extensionista e sua influência na cooperação internacional para refugiados, procurando enfatizar a importância educacional no enfrentamento das crises humanitárias. Destacando-se, portanto, a necessidade de uma abordagem interdisciplinar e colaborativa – por meio da teoria da ação comunicativa de Habermas (1987a e 1987b) e da teoria da dialogicidade de Freire (1979-2001) – para lidar efetivamente com os desafios enfrentados por essas populações marginalizadas em busca da dignidade da pessoa humana.

Teorias da ação comunicativa e da dialogicidade na extensão universitária

No âmbito da ajuda humanitária por intermédio da extensão universitária, a abordagem comunicativa-crítica está pavimentada no reconhecimento da indissociabilidade entre: a estrutura, que condiciona a vida das pessoas, mas que não é fator determinístico para moldá-las e engessá-las; e a agência humana, uma vez que os seres humanos são capazes de agir, de escolher, de se comunicar e de dialogar. Segundo Habermas (1987a), na interação comunicativa, a linguagem atua como um canal de compreensão dialógico, permitindo que emissores e receptores se remetam, a partir do contexto pré-interpretado que seu universo de experiências representa, de forma simultânea a elementos presentes no mundo objetivo, no contexto social e no âmbito subjetivo.

Essa perspectiva tem suas raízes em Paulo Freire, para quem a comunicação desempenha um papel fundamental nas interações humanas, especialmente na interligação dos elementos essenciais no processo educativo. Segundo a concepção freireana: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1979, p. 69). O referido autor considera a dialogicidade como o cerne de uma educação libertadora e destaca certos aspectos essenciais: colaboração (na qual a ação dialógica acontece entre sujeitos), união (essencial para a consciência de classe ou de grupo), organização (um momento de aprendizagem que busca transformação) e síntese cultural (um instrumento para superar a cultura).

Nessa linha de raciocínio, o processo de inclusão social da pessoa refugiada perpassa por meio da comunicação, a exemplo deste estudo, ao frisar tanto o ensino e a aprendizagem das línguas inglesa – para que os refugiados possam estabelecer contatos estratégicos – e árabe – para que a pessoa que leciona possa ser melhor compreendida, quanto as práticas corporais, sobretudo, brincadeiras e jogos para o público adolescente, no intuito de auxiliar o processo educacional de maneira lúdica. Trabalhar uma nova língua para os refugiados que não seja a língua materna deles não significa subjugação, mas sim uma ferramenta para reconstruir a dignidade humana e estabelecer pontes de interação entre a pessoa refugiada, os espaços públicos de apoio locais e os membros da nova comunidade de acolhimento.

Quando essas relações sociais e educativas se constroem por meio do diálogo, a ideia de dialogicidade de Freire (1996) se entrelaça com o conceito de ação comunicativa em busca de uma atmosfera igualitária e ganham uma dimensão transformadora. Os refugiados se tornam agentes ativos na busca coletiva pelo entendimento, promovendo movimentos societários que visam garantir direitos humanos fundamentais deles. Para Habermas (1987b), por meio de sua teoria da racionalidade comunicativa, essa compreensão de ser participativo é necessária, mas por si só não é suficiente para transformar as desigualdades sociais.

Apesar dessas desigualdades que são acirradas pelo capitalismo que permeia todos os aspectos de nossa existência, Freire (1996) reitera a necessidade de lutar - especialmente por meio da educação - valorizando assim a autonomia, entendida como a capacidade das pessoas de tomarem suas próprias decisões e tentarem mudar o próprio destino delas, a exemplo dos refugiados. Isso requer que as pessoas em condição humanitária desfavorável aprimorem a capacidade de questionamento, comprometam-se com a construção de uma subjetividade democrática e adotem uma racionalidade permeada por emoções e afetos que componham a identidade cultural de cada uma delas.

Neste desafiador processo, Freire (1996) destaca a importância da dimensão cultural na transformação social, ao condicionar: se uma educação tem a pretensão de ser genuinamente transformadora - capaz de alterar as condições opressivas - deve estar arraigada na cultura dos diversos povos. Dessa forma, o pensamento freireano reafirma que o ato pedagógico é, por natureza, democrático. Logo, a língua também figura como mediadora do processo de democratização da mobilidade humana.

Sendo assim, possuir habilidades de comunicação na língua do país de acolhimento, ou seja, ser capaz de compreender e ser compreendido por meio de processos colaborativos de inteligibilidade, pode ser crucial para os refugiados. Não há uma garantia de que o conhecimento da língua do local do refúgio é uma condição absoluta para uma integração bem-sucedida. Porém, a língua pode funcionar como uma ponte facilitadora para que os refugiados tenham uma vida digna no novo país, mas também pode representar um desafio. Em outras palavras, o impacto da barreira linguística resultante da falta de conhecimento da língua local pode restringir o acesso do refugiado a direitos essenciais, comprometendo sua dignidade humana.

Apesar da aprendizagem de uma nova língua não ter conexão direta com a cultura identitária de pessoas em situação de refúgio, mas os temas geradores dessa relação educacional podem ser provocados pelo contexto delas e auxiliarem no processo de vivência e adaptação em um território diferente de seu país de origem. De maneira exemplificativa, Hariri (2018) e Alefsha e Al-Jamal (2019), ao observarem os refugiados sírios tanto nos Estados Unidos quanto na Jordânia, destacam que desenvolver habilidades numa língua estrangeira estratégica para o lugar de acolhimento é determinante para possibilitar oportunidades de emprego, de acesso à educação, de participação cultural e em outras esferas sociais importantes.

Portanto, conforme delineado por Freire (2001), nas dinâmicas interpessoais é que se concretiza o processo de aprendizado, de maneira oportuna cada indivíduo tem a possibilidade de se educar e de educar o outro, compartilhando testemunhos de coerência, em vez de impor um modelo prescrito de ser e de agir. O desenvolvimento do aprendizado no contexto do diálogo igualitário incentiva a reflexão do papel mediador do ensino e da aprendizagem, assim como desafia a necessidade de tornar compreensíveis as convicções de culturas distintas, mesmo quando se tem convicção sobre a própria

posição. Nesse aprofundamento reflexivo, surgem novos argumentos que têm o potencial de alterar as perspectivas iniciais de uma cooperação educacional.

Aspectos Metodológicos

Desvelando-se como uma cooperação educacional internacional, a presente pesquisa caminha por um fluxo dinâmico no procedimento de investigação e Análise de Conteúdo (BARDIN, 1995), de natureza qualitativo-interpretativista, ao se estruturar em torno de três pontos temporais do projeto de extensão para refugiados: a pré-análise, a análise do material e o tratamento dos resultados, que envolvem a inferência e a interpretação.

Os documentos explorados são os relatórios de extensão, os materiais de apoio produzidos pela Coordenadoria de Relações Internacionais (CoRI) e o trabalho de conclusão de curso elaborado pelo intercambista do projeto, que relataram a experiência dele vivenciada durante o período na Jordânia. Em conformidade com a Análise de Conteúdo, a investigação dos documentos ocorreu nos pontos temporais supramencionados.

Na etapa inicial de preparação (pré-análise), foi realizada uma leitura abrangente da documentação, visando compreender a estrutura textual e selecionar trechos específicos que comporiam a base da análise de conteúdo. Essa seleção foi cuidadosamente alinhada aos objetivos desta pesquisa. Seguindo para a fase subsequente (análise do material), os documentos foram minuciosamente examinados à luz do referencial teórico adotado, guiado por questões orientadoras específicas: a) Como o extensionista percebeu a dinâmica do ensino de inglês para pessoas refugiadas? b) Quais as principais estratégias educacionais adotadas no desenvolvimento do projeto de extensão? c) Quais os desafios enfrentados na comunicação? d) Qual o legado contributivo da experiência de cooperação internacional?

Na etapa final, os registros obtidos foram analisados e interpretados com base na “teoria da ação comunicativa” de Habermas (1987a e 1987b); e na “dialogicidade” de Freire (1979-2001). Essa etapa buscou integrar aspectos teóricos e práticos, levando em conta as informações obtidas por meio da análise, bem como a reflexão e a intuição do pesquisador (BARDIN, 1995).

Cumprir enfatizar que durante o período de execução do projeto de extensão houve reuniões virtuais entre o extensionista e a CoRI, com o intuito de refletir sobre o ensino de inglês a partir de estudos sobre a cultura das práticas corporais dos refugiados e de ofertar suporte no planejamento e na execução das aulas. Além dos auxílios administrativos, pedagógicos e metodológicos na transição para o ensino online durante a mudança abrupta ocasionada pela pandemia do coronavírus, foram fornecidos mecanismos de apoio para preservar a saúde mental e o bem-estar do estudante que se encontrava em *lockdown* durante grande parte da extensão. Essas ações tinham a finalidade de minimizar o impacto do isolamento em um país estrangeiro, promover um canal de comunicação entre o extensionista e a embaixada brasileira na Jordânia, assim como fortalecer a resiliência emocional do intercambista naquele período desafiador.

A extensão universitária para refugiados na Jordânia

Contextualização inicial no período pré-pandêmico

As ações educacionais aconteceram, inicialmente e de maneira presencial, na Associação *Mustaqbal Jidid*⁴ (também conhecida como *A'ylah*⁵ Center), que representa um espaço formativo dedicado à inclusão de pessoas refugiadas e em situação de vulnerabilidade, localizado nas cidades de Amã e Mafraq, na Jordânia. De acordo com o extensionista, o referido centro se caracterizou como uma "incubadora científica" na formação inicial dele.

As primeiras contribuições no projeto de extensão foram destinadas ao ensino de inglês para dois grupos de refugiados, todos do sexo masculino, sendo um formado por adultos provenientes do Sudão, os quais residiam em Amã, e o outro grupo composto por adolescentes oriundos da Síria que se situavam em Mafraq. Em uma avaliação inicial, o extensionista considerou a turma composta por adultos sudaneses como pessoas com o nível básico de inglês (A1) e a outra turma de adolescentes sírios como iniciantes, isto é, um nível anterior ao básico.

Os encontros das aulas para os refugiados iniciaram em fevereiro de 2020, com previsão de duração de quatro meses, os quais passaram a ser registrados em diários reflexivos pelo estudante em intercâmbio, conforme um dos trechos a seguir:

Diário Reflexivo 1

Neste primeiro dia, tivemos apenas a presença de três alunos, isso se deu pelo fato de estarmos num clima muito frio aqui na Jordânia e tivemos uma pequena chuva. Lembro-me que estava fazendo 7 graus Celsius. Nesse encontro foi uma aula mais de apresentação pessoal nossa. Percebi que este primeiro grupo tem um conhecimento da língua inglesa, por isso, solicitei deles a escrita de um short paragraph para sondarmos possíveis dificuldades ainda existentes. Eles puderam usar a produção na hora do Speaking moment, que achei interessante inserir nas aulas desde já. Apenas um dos alunos usou o papel como guia. Não me recordei de fotografar este momento, mas farei isto em outras aulas. Passado o primeiro dia, posso dizer que foi um dia muito forte para mim, pois pude ver de forma superficial quais as intenções dos meus alunos, com isso, buscarei ser humanizador e humanizado cada vez mais neste desafio.

Pois todos os alunos presentes são refugiados que vieram do Sudão. A associação me falou que os refugiados apresentam muitas dificuldades de escrita (atenção para processo de alfabetização da língua), bem como de baixa autoestima. Isso ocorre por serem tratados por alguns jordanianos como uma escória na cidade e no mundo, devido a cor deles. Existe um racismo muito grande na Jordânia. Antes de encerrarmos, a aula solicitei deles a escrita de um texto com o tópico *This will be my future* como *homework*, e pedi para que eles não só escrevessem, mais que também transformassem em um desenho o relato deles. Então, busquei na primeira aula fazer com que eles se sentissem humanos me interessando em saber na individualidade e no coletivo a história de vida de cada um, bem como suas expectativas - por isso citei o processo de humanização acima -. Ficou notório como todos nós ficamos ansiosos para a próxima aula (Extensionista, Relatório do Projeto de Extensão, 2020).

⁴ Em uma tradução livre para o português, a expressão pode ser entendida como "novo futuro".

⁵ o termo *A'ylah*, em árabe, traduz-se como família, destacando a ênfase da organização no fortalecimento do núcleo familiar como pilar fundamental para o desenvolvimento humano.

Na ótica do extensionista em seu contato inicial, após dar voz ao grupo de sudaneses, vários fatores para a execução do projeto passaram a ser considerados, tais como:

- Os encontros deveriam ser pautados na flexibilidade, levando em conta questões da rotina diária das pessoas do Sudão, como: a carga horária de trabalho, a falta de alimentação e a necessidade de lidar com circunstâncias familiares e de imigração, todas influenciando a presença ou ausência dos refugiados;
- Existe um sentimento de baixa autoestima decorrente da condição de fuga e do tratamento discriminatório por parte de alguns habitantes locais, que estigmatizam os estudantes não jordanianos com base em sua cor de pele ou somente pela situação de refugiado.
- Há uma grande dificuldade na aprendizagem da escrita, refletida na oralidade, devido às diferenças estruturais entre a língua de origem (árabe) e a língua-alvo (inglesa), dificultando o uso adequado do alfabeto inglês na formação de palavras.

No âmbito da superação das disparidades do choque educacional e social sentido pelo extensionista, Habermas (1987a) argumenta que todas as pessoas possuem habilidades linguísticas e capacidade de ação (interação), o que as possibilita alcançar consensos. Isso implica na perspectiva de repensar interações guiadas pela ação comunicativa, resultante da intersubjetividade, ao fazer a escolha de adotá-la de maneira contínua. Segundo Habermas (1987a), os atos de fala estão intrinsecamente ligados à ação, servindo como mecanismos para coordená-la. Entre esses atos de fala, o ilocutório desempenha um papel central na ação comunicativa, uma vez que a linguagem serve como meio para o entendimento.

Esse entendimento, por sua vez, depende das pretensões expressas em razões e argumentos. Na ideia humanizadora exposta pelo extensionista, Freire (2001) aponta que o diálogo suscita como uma postura ético-política fundamental para a construção de uma sociedade mais humana para todos. Essa centralidade decorre do fato de que o alicerce do diálogo reside na palavra verdadeira, que se manifesta como *práxis*.

No planejamento didático com os refugiados, sob a orientação do *A'ylah Center*, o ensino de inglês tomaria por base o livro *New Headway Plus*, o qual seria uma obra ajustada para a região do Oriente Médio, composta por 17 países. Todavia, já nos contatos iniciais, o extensionista percebeu que a obra não se alinhava à realidade dos sudaneses e sírios, uma vez que os temas abordados no livro não contemplavam o contexto social específico dos refugiados.

Diário Reflexivo 2

[...] Em seguida, vou estudar materiais para organizar a minha semana e estruturar bem o que podemos fazer nas aulas, para o melhor desenvolvimento dos alunos e meu também. Hoje foi nosso 2º dia de aula com a turma de *starter*. Continuamos com a ideia de trazer novas perguntas para verificar maiores dificuldades, e ficou muito clara a necessidade de alfabetizar esses aprendizes. Tantos os estudantes do *starter* quanto os “A1” são alfabetizados na língua árabe apenas, um grande desafio que será para mim, pois, sem intérprete eu preciso ser mais cauteloso e observador de aplicações mais realistas e necessárias no tocante à aquisição da língua estrangeira e adentrarmos no conteúdo do livro usado (*New Headway Plus* – 2014) – se possível -, o mesmo do “A1”,

só que para *starter*. Os alunos não acompanharam bem o conteúdo proposto. (Extensionista, Relatório do Projeto de Extensão, 2020).

Após constatar que os estudantes refugiados não compreendiam adequadamente o conteúdo mediado na língua inglesa, o extensionista entrou em contato com a professora responsável pela orientação do ensino do idioma inglês na UEPB, bem como com os responsáveis do projeto de extensão, com o intuito de questionar a utilização de um livro norteador como base didática. Como sugestão da universidade de origem, as atividades prosseguiram seguindo de maneira ética e responsável as diretrizes da ONG, mas também foram incentivadas adaptações conforme as necessidades dos refugiados.

Tais adaptações implicaram em novas estratégias acadêmicas, que trouxeram também novos desafios para o extensionista, principalmente pela decretação do período pandêmico da Covid-19, também conhecido como pandemia do coronavírus.

Desafios e estratégias no agir extensionista com os refugiados

Depois de mais de uma semana de iniciados os trabalhos com os sudaneses, foi a vez do extensionista começar as aulas de inglês para os sírios. Diferentemente dos primeiros contatos com os refugiados do Sudão, a turma de refugiados da Síria não tinha nenhuma noção da língua inglesa, nem tampouco da língua materna do estudante da UEPB, que destacou a dificuldade dessa lacuna linguística em um dos seus diários reflexivos:

Diário Reflexivo 3

Hoje de fato, iniciamos a aula com os alunos sírios. Eles são um amor. Eu estou muito encantado com cada um deles. Hoje foi uma aula mais introdutória, tive uma pequena ajuda de uma das voluntárias, mas apenas para minha introdução. Depois tive que me virar, deu um pouco de dor de cabeça, pois é muito desafiador ensinar não dominando a língua árabe. Me encontro hoje, com o desejo de aprender o árabe [...] (Extensionista, Relatório do Projeto de Extensão, 2020).

Ao analisar o lecionar para os adolescentes sírios, o intercambista notou o quão significativo era o desafio de não falar árabe e como isso influenciava o desempenho dele. Essa limitação despertou o desejo do integrante do projeto de extensão em aprender o idioma árabe e aumentou a busca contínua por estratégias eficazes para planejar as aulas e antecipar possíveis desafios diante da barreira linguística imposta. A utilização de ferramentas como o *Google Tradutor* surgiu como uma âncora que, embora imperfeita, permitia facilitar a comunicação e superar alguns obstáculos comunicativos. Ademais, os sudaneses e os sírios se prontificaram a ensinar o árabe ao extensionista, na perspectiva freireana de “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, p. 25, 1996).

Esse despertar para a língua dos refugiados (aprender árabe), coaduna com o pensamento de Habermas (1987b), ao afirmar que a compreensão linguística funciona como um subsídio de coordenação de ações. Logo, na interação comunicativa, a linguagem árabe atua como um canal de entendimento, no qual os falantes e ouvintes, a partir do contexto pré-interpretado de seu mundo vivido na Jordânia e alhures, referem-se simultaneamente a elementos no mundo objetivo, social e subjetivo.

Desse modo, no transcorrer do processo de ensino de um novo idioma para os refugiados sírios e sudaneses em um curto espaço de tempo, muitos desafios que surgem são convertidos em molas

propulsoras que vão muito além dos tradicionais momentos em salas de aula. Reconhecendo a importância da cultura identitária e da comunicação não verbal, o extensionista explorou estratégias inovadoras para ensinar línguas, integrando jogos que utilizavam a bola como uma ferramenta educacional. Dessa maneira, jogos com bola, a exemplo do futebol, configuraram-se experiências de ensino e de aprendizagem dinâmicas, ao promoverem movimentos corporais expressivos, ao trabalharem vocabulários variados e de maneira fluida, e ao fortalecerem a conexão com a identidade cultural.

Ao longo das atividades na Jordânia, o corpo se tornou uma ferramenta comunicativa, transcendendo os obstáculos linguísticos. Ações como passar a bola, comemorar gols e criar jogadas estimulam a interação física e promovem a compreensão mútua. Incorporar elementos da cultura síria e sudanesa nas aulas, como jogos, danças tradicionais, músicas e saudações, permite que os refugiados expressem sua identidade cultural de maneira lúdica. Essa abordagem contribui para uma conexão mais profunda com os idiomas inglês e árabe, uma vez que a língua é inseparável da cultura que a envolve.

Didaticamente, Freire (2001) destaca a importância de registrar a experiência prática como um caminho fundamental de estruturar o conhecimento adquirido através da reflexão. Essa perspectiva reafirma aquilo que é chamado de “relatório de prática” não é apenas uma formalidade decorrente da análise crítica durante o estudo, mas uma demanda intrínseca à criticidade aplicada na observação atenta da realidade. A leitura da palavra e a leitura do mundo se entrelaçam, formando uma união essencial na tarefa educacional. Essa metodologia não foca apenas na interpretação da língua inglesa que está sendo ensinada, mas alarga a compreensão contextual, inserindo a escrita e o ensino como instrumentos políticos na defesa dos objetivos daqueles que buscam refúgio.

Ao se envolver ativamente com as práticas corporais, o extensionista se torna um facilitador cultural, promovendo uma atmosfera inclusiva e respeitosa. A troca cultural se torna bidirecional, com o mediador educativo aprendendo tanto quanto ensina, criando uma dinâmica de colaboração e de respeito mútuo. Todavia, o desafio de ministrar aulas para refugiados de outros idiomas foi amplificado significativamente durante o início das medidas restritivas da pandemia.

O uso generalizado de máscaras e a necessidade de distanciamento social, medidas essenciais para conter a propagação da COVID-19, introduziram obstáculos consideráveis à comunicação em sala de aula. As máscaras, ao ocultarem expressões faciais e limitarem a clareza da fala, impactaram a compreensão mútua entre o extensionista e os refugiados. O distanciamento social, embora crucial para a segurança, ocasionou um bloqueio físico que interferiu na dinâmica de ensino, especialmente em atividades práticas e interativas.

Adicionalmente, o advento do *lockdown* e as restrições de mobilidade intensificaram os desafios educacionais para os refugiados. Acessar recursos educacionais tornou-se uma tarefa árdua, pois muitos refugiados enfrentaram dificuldades para obterem conexão à internet confiável e outros meios de interação virtual. A limitação do acesso a dispositivos eletrônicos comprometeu a continuidade das aulas e a participação ativa dos refugiados, dificultando a construção de uma experiência educacional mais inclusiva e direcionando o extensionista a outras atividades de colaboração, consoante descrito no diário reflexivo 4:

Diário Reflexivo 4

Gostaria de destacar que, durante o período de oito meses de extensão, também pude colaborar com tarefas administrativas no centro, incluindo a tradução de documentos, a organização de planilhas e a realização de serviços gerais. Uma outra atividade que revelou habilidades que não tinha percebido anteriormente foi a elaboração do programa de ensino remoto, com o objetivo de capacitar os alunos e professores da ONG durante a crise pandêmica desencadeada pelo novo coronavírus. (Extensionista, Relatório do Projeto de Extensão, 2020).

Em um contexto específico de um extensionista dando aula para refugiados sírios e sudaneses em que o mundo se adaptava ao ensino remoto, as nuances culturais e linguísticas acrescentaram camadas adicionais de complexidade ao novo panorama digital. A necessidade de adequar o método de ensino para contemplar essas diferenças de modo virtual acentuou a demanda por estratégias flexíveis e inclusivas até o entanto desconhecidas, tornando essencial repensar a abordagem educacional diante das novas restrições impostas pela pandemia.

Desdobramentos educacionais da extensão

Esse novo olhar para o agir educacional, demonstrou que o trabalho do extensionista transcendeu os limites temporais de um projeto específico para ensinar inglês aos refugiados, estendendo-se para além da conclusão formal, ganhando vida própria nos desdobramentos educacionais que foram semeados. Mesmo em meio à pandemia, o papel do extensionista desafiou as fronteiras físicas e se traduziu em apoio prático e inspirador à *A'ylah Center*, ao capacitar professores da ONG e estudantes refugiados em áreas e conteúdos nos quais o estudante brasileiro poderia contribuir: inglês, computação básica, ferramentas para potencializar o ensino remoto, tradução de documentos, dentre outros, construindo assim pontes virtuais para a educação em um mundo cada vez mais digital.

Concomitantemente, em razão das ações do projeto se tornarem remotas e das medidas impostas na Jordânia no primeiro semestre de 2020, esses fatores permitiram o extensionista trabalhar em conjunto com a Coordenadoria de Relações Internacionais (CoRI) da UEPB, ampliando a interação com refugiados de diversas nacionalidades. Sírios e sudaneses se somaram aos argelinos, iraquianos e vários refugiados venezuelanos que recebem suporte da UEPB, os quais encontraram na extensão universitária um apoio acadêmico e social para lidar com os desafios transculturais.

Essa intervenção do intercambista perpassou para um auxílio educacional a longo prazo e gerou um efeito multiplicador naquela ONG jordaniana, de acordo com Freire (1988), capacitando-as para uma ação transformadora. Originado na dinâmica interativa da extensão, esse período criou células multiplicadoras de ações, nas quais cada pessoa pôde contribuir e expandir redes de apoio virtuais. Um exemplo prático disso foi a utilização de ferramentas tecnológicas para a elaboração de currículos e de outras habilidades relevantes que abriu portas para oportunidades de trabalho e reforçou a importância da dignidade e da autonomia no processo de refúgio.

Ao regressar da Jordânia, o extensionista continuou sua missão educacional, impactando positivamente a comunidade refugiada e estrangeira da UEPB. Por intermédio da CoRI, outras ações foram e estão sendo desenvolvidas, como o curso "Leitura, Interpretação e Fichamento de Textos", que proporcionou oportunidades de uso do Português Brasileiro (PB), adaptando atividades para superar

as limitações dos aprendizes em relação aos gêneros acadêmicos. Outro curso, que ocorre de maneira contínua e semestral, "Conversação de Português para Estrangeiros", permite a prática em diversos idiomas, promovendo um ganho teórico e cultural através da dialogicidade apontada por Freire (1979-2001). A metodologia adotada favorece a inclusão social, transformando os encontros em agradáveis rodas de conversas.

Ademais, a presença do extensionista regresso da Jordânia e de outros colaboradores fortaleceram o Núcleo de Línguas (NucLi - UEPB), coordenado pela CoRI, com ações voltadas à comunidade acadêmica estrangeira. Suportes na comunicação escrita e oral, a exemplo da formatação de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e de outros documentos exigidos no contexto acadêmico, utilizando recursos como: *Whatsapp*, Ferramentas *Google*, *Youtube* e a Gramática da Língua Portuguesa fomentam o processo de inclusão universitária de estudantes estrangeiros.

Os desdobramentos educacionais da extensão revelam-se, assim, como um legado vivo e dinâmico, transcendendo a intenção inicial do projeto. A atuação do extensionista na pandemia não se centrou em responder às necessidades imediatas dos refugiados em relação ao idioma-alvo, mas em construir alicerces para um futuro mais inclusivo e educacionalmente oportuno através de redes de cooperação educacional local, nacional e internacional.

Considerações finais

Diante da experiência enriquecedora da extensão universitária para refugiados na Jordânia, é possível concluir que o projeto se revelou como uma jornada desafiadora e transformadora. Inicialmente, a abordagem presencial na associação *Mustaqbal Jidid* proporcionou ao extensionista um mergulho profundo na realidade dos refugiados sudaneses e sírios, evidenciando as dificuldades linguísticas e as barreiras sociais e culturais que permeiam a vida deles.

A flexibilidade e sensibilidade do extensionista diante das necessidades específicas dos refugiados foram fundamentais para a adaptação do projeto. A compreensão das complexidades da rotina diária dos sudaneses e dos sírios, a atenção à baixa autoestima decorrente de discriminações e a busca por estratégias inovadoras de ensino revelaram um comprometimento em promover não somente a aprendizagem do idioma inglês, como também valorizar a identidade cultural dos refugiados.

Ao refletir sobre essa dinâmica de cooperação internacional, é fundamental considerar como as práticas culturais, linguísticas, jogos, brincadeiras e atividades corporais são mantidas pelos refugiados do Sudão e da Síria, mesmo distantes de seus contextos geopolíticos originais, como parte do desenvolvimento educacional e temas geradores de aprendizagem mútua. Essas práticas representam, além de tentativas de sobrevivência diante das políticas de refúgio na Jordânia, novas maneiras de construir quesitos identitários e sentidos de pertencimento.

A inserção de elementos lúdicos contribuiu para a criação de uma dinâmica de aprendizagem mais participativa e inclusiva. Contudo, os desafios foram acentuados com a chegada da pandemia, impondo restrições que demandaram uma rápida mudança adaptativa. O uso de máscaras e o distanciamento social impactaram a comunicação presencial, enquanto a transição para o ensino remoto evidenciou a necessidade de soluções criativas para superar as limitações tecnológicas enfrentadas pelos refugiados, ao passo que possibilitou estabelecer outras conexões e intensificar os auxílios em sintonia com a universidade de origem.

A colaboração ativa do extensionista não se limitou ao ensino do idioma inglês, estendendo-se a atividades administrativas e à elaboração de programas de ensino remoto e outras estratégias educacionais durante a crise pandêmica. Essa abordagem multifacetada demonstrou um compromisso com o ensino e com o bem-estar dos refugiados, coadunando com as teorias da ação comunicativa de Habermas (1987a e 1987b) e da dialogicidade de Freire (1979-2001) como perspectivas filosóficas.

A capacidade de linguagem e da ação, conforme destacado por Habermas, demonstrou que o diálogo – promovido por atores sociais geralmente invisibilizados – deu as coordenadas como veículo de entendimento e consenso, bem como se revelou uma ferramenta eficaz para promover a inclusão e a integração de refugiados em uma nova comunidade. Além disso, a ênfase de Freire na palavra verdadeira e na transformação do mundo por meio do diálogo sustenta a importância de proporcionar aos refugiados a oportunidade de aprender um novo idioma, capacitando-os a expressar suas verdades e participar ativamente na sociedade que os acolhe.

Por fim, as demandas legais e políticas por direitos, a busca pelo reagrupamento familiar, a resistência aos sistemas de subsídios de integração, a procura por emprego em redes formais/informais e até mesmo referências a expressões locais, são momentos intrínsecos de agência política para refugiados. Essas ações transcendem a mera resistência e apontam para uma construção ativa de cooperação educacional, revelando uma agência emergente de compromisso universitário e de outros segmentos que desafia os modelos políticos convencionais, mas que precisa ser entendida como parte humanizadora integrante da (geo)política em torno da migração forçada e da violência estrutural.

Referências

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Dados sobre refugiados. 2023a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Dados sobre refugiados. 2023b. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/historico>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ALEFESHA, H. M. N.; AL-JAMAL, D. A. H. Syrian Refugees' Challenges and Problems of Learning and Teaching English as Foreign Language (EFL): *Jordan as na example*. *Journal of Ethnic and Cultural Studies*, Yarmouk University, Irbid-Jordan, v. 6, n. 1, 117-129, 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

CASTRO, F. A. *O uso do diário reflexivo na formação inicial do professor de língua inglesa: um estudo a partir da experiência de ensino junto a refugiados na Jordânia (Oriente Médio)*. 2022. 44p. Monografia – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande – PB, 2022.

CVSM. *15 anos de cátedra Sérgio Vieira de Mello no Brasil: universidades e pessoas refugiadas* / Organizado por José Blanes Sala... [et al.] — São Bernardo do Campo, SP: Universidade Federal do ABC, 2020.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 9ª ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 19 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 30ª edição. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2001.

HABERMAS, J. *Teoría de la Acción Comunicativa, I: Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1987a (publicado originalmente en 1981).

HABERMAS, J. *Teoría de la Acción Comunicativa, II: Crítica de la razón funcionalista*. Madrid: Taurus, 1987b (publicado originalmente en 1981).

HARIRI, B. *Al. Teaching ESL to Syrian Refugees: Problems and Challenges*. Thesis (Master of Arts Degree in English) – The University of Toledo, Ohio-USA, 2018.

RECEBIDO: 18/01/2024

RECEIVED: 18/01/2024

APROVADO: 08/04/2024

APPROVED: 08/04/2024